

# A Fé Cristã na Escritura em Joseph Ratzinger

*Christian Faith in Scripture by Joseph Ratzinger*

*Heber Ramos Bertuci*

## Resumo

Joseph Ratzinger (1927 – ), conhecido também como Papa Emérito Bento XVI, é um importante teólogo que escreve sobre vários temas. Dentre suas preocupações se encontra o estudo da natureza da fé cristã e o papel desta na sociedade atual. Para ele, o cristianismo tem algo a dizer à sociedade, porque a questão da fé não é privada como se fosse um tipo de clube que possui suas preferências e faz seu jogo. Ao apresentar uma resposta para o dilema da fé no mundo atual, Ratzinger parte de uma visão da Escritura e, a partir dela, caminha em direção à Tradição da Igreja Católica. Deste modo, a delimitação temática deste artigo é resumir o pensamento de Ratzinger sobre a fé cristã na Escritura. É exemplo para ele a fé na vivência do patriarca Abraão. Ele também enfatiza que, no Novo Testamento, a fé é apresentada como ato de Deus e ato humano, e ela está em liame ao conceito de conversão. Acima de tudo a fé é, para Ratzinger, um dom de Deus ao ser humano para este expresse seu amor àquele e seja atilado ainda a amar seu próximo na paz e no diálogo.

**Palavras-chave:** Joseph Ratzinger. Sagrada Escritura. Fé Cristã. Tradição da Igreja. *Metanoia*.

## Abstract

Joseph Ratzinger (1927 – ), also known as Pope Emeritus Benedict XVI, is an important theologian who writes on many topics. One of his concerns is the study of the nature of Christian faith and its role today. For him, Christianity must explain to society why faith is not a private matter, as if it were a kind of club that has its preferences and plays its game. To present an answer to the dilemma of faith in today's world, Ratzinger starts from a vision of Scripture

and from this point moves towards the Tradition of the Catholic Church. Thus, the purpose of this article is to summarize Ratzinger's thinking on Christian faith in Scripture. An example, for him, is the faith in the experience of the patriarch Abraham. Ratzinger also points out that faith, in the New Testament, is presented as an act of God and a human act, and it is linked to the concept of conversion. Above all, according to Ratzinger, faith is a gift from God to human beings so that they can express their love for him and be encouraged to love their neighbors in peace and in dialogue.

**Keywords:** Joseph Ratzinger. Holy Scripture. Christian Faith. Church tradition. *Metanoia*.

## Introdução

O estudo do significado da fé cristã é fundamental para o tempo de hoje. Em uma época de descrença com relação ao cristianismo, é preciso haver um novo despertar ou uma nova curiosidade para que uma resposta satisfatória seja dada à pergunta: “o que é ser cristão?” O teólogo alemão Joseph Ratzinger (1927 – ) traz luz a algumas respostas sobre o tema “fé cristã” para o tempo atual. A resposta dele encontra-se embasada na Escritura e na Tradição da Igreja. A delimitação temática deste artigo consiste em resumir o pensamento de Ratzinger a respeito da fé cristã na Escritura. Neste artigo, em seu primeiro capítulo, é resumido como Ratzinger expõe a fé para o Antigo Testamento na vivência do patriarca Abraão. No segundo capítulo, é abordado sobre duas características da fé no Novo Testamento para Ratzinger: em primeiro lugar, ela é ato de Deus e ato humano; em segundo lugar, ela é unida ao conceito de conversão (*μετάνοια* [*metanoia*]). Com estas explicações, percebe-se que a fé, para Ratzinger, é um presente que Deus concedeu ao ser humano para que este o sirva com alegria e para que expresse seu amor ao próximo de acordo com o que ele aprende do conteúdo de sua fé.

### 1. A Fé no Antigo Testamento: a pessoa de Abraão

De que maneira pode-se tratar o tema “fé”? No Advento de 1965, na Catedral de Münster, Joseph Ratzinger fez algumas preleções com o propósito de, “imediatamente após o Concílio, buscar o sentido profundo da hora advéncia, dar

uma resposta ao problema do sentido e missão permanentes da fé cristã”.<sup>1</sup> Em uma dessas preleções, ao iniciar a resposta às perguntas: “por que a fé está sempre em luta com a ciência?” e “não se trata a corrupção do cristianismo no fato de que ele exigir a fé (no sentido de doutrina) em lugar da caridade?”, Ratzinger afirmou: “sem dúvida, nesta pergunta há algo muito sério, e como todos os problemas realmente graves, não pode ser resolvida em um instante, com uma frase feita”.<sup>2</sup> Com esta explicação, ele afirma que qualquer questão a respeito da fé não pode ser respondida com algum tipo de jargão; Ratzinger é cauteloso ao analisar questões complexas. Outro exemplo, além deste, está na análise da pergunta pelo sentido da morte com base na fé cristã. Antes de procurar pela resposta, Ratzinger reflete, em 1959:<sup>3</sup> “não se deve esquecer que perguntas como aquela pela vida e pela morte, em última análise, não podem nunca ser respondidas simplesmente com uma fórmula; elas encontram a sua verdadeira resposta apenas na apropriação vivida da fórmula”.<sup>4</sup> Alguns anos depois, o teólogo alemão realizou algumas conferências radiofônicas (dezembro de 1969), em um programa especial da Emissora Radiofônica da Baviera.<sup>5</sup> Em uma delas, afirmou que “a fé em sentido cristão não é primeiramente um sistema de saber misterioso, mas sim uma afirmação sobre a existência, uma decisão fundamental sobre o destino da realidade humana que, para começar, descrevemos com a palavra acreditar”.<sup>6</sup> Isto significa que é importante para a compreensão da fé cristã a vivência dela: “o que de facto significa a fé para o homem não pode ser demonstrado de um modo abstrato e só se pode tornar evidente nos homens que viveram coerentemente e até ao fim essas exigências”.<sup>7</sup>

A Escritura ensina sobre a fé. A unidade do conceito de fé escriturístico entre Antigo e Novo Testamento é Abraão, já que sua fé culmina no Cristo histórico. Na mesma conferência radiofônica citada acima, Ratzinger, assim, explicou:

*A Bíblia*, que descreve a primeira etapa da história da fé e que, ao mesmo tempo, apresenta um padrão constante, cita Abraão como a grande figura exemplar do crente, o homem que, por volta do ano 2000 a.C., iniciou o seu caminho, em cuja meta se encontra a figura de Jesus de Nazaré. Esse homem, cujo perfil só podemos reconstituir vagamente a partir das tradições fragmentárias preservadas no Antigo Testamento, também é considerado no Novo Testamento

---

<sup>1</sup> RATZINGER, J., O que é ser cristão, p. 7.

<sup>2</sup> RATZINGER, J., O que é ser cristão, p. 53.

<sup>3</sup> BLANCO, S. P., Joseph Ratzinger, p. 248.

<sup>4</sup> RATZINGER, J., Sobre a teologia da morte (1959), p. 239.

<sup>5</sup> RATZINGER, J., Fé e futuro, prefácio, p. 9.

<sup>6</sup> RATZINGER, J., Conferência sob o tema “Fé e existência” à Emissora Radiofônica da Baviera, p. 33.

<sup>7</sup> RATZINGER, J., Conferência sob o tema “Fé e existência” à Emissora Radiofônica da Baviera, p. 34.

o antepassado de todos os crentes, de modo que Paulo considera que os cristãos são justamente filhos de Abraão: segundo o seu ponto de vista, são eles e só eles que continuam o caminho que ele começou.<sup>8</sup>

Deus fez a promessa a Abraão, “... o modelo fundamental de toda a fé...”,<sup>9</sup> de que ia acompanhá-lo em direção à terra da promessa (Gênesis 12,1-3). As reflexões de Ratzinger sobre isso são:

(1) Abraão entrega seu futuro nas mãos do Deus que lhe chama: “encontrou Deus e entrega o seu futuro nas suas mãos, ousa por Ele um novo futuro, que de início é obscuro. A palavra ouvida é para ele mais real do que aquilo que pode ser calculado, do que aquilo que pode agarrar”.<sup>10</sup> Deste modo, o futuro ganha primazia em relação ao presente e a palavra ouvida supera aquilo que se pode tocar. Deus é para ele mais importante do que ele próprio e do que as coisas que ele pode abranger com o seu olhar. Quebra-se a barreira daquilo que pode ser calculado, do tido com que se lida, e irrompe um novo horizonte infinitamente mais vasto, até à eternidade, até ao Criador.<sup>11</sup>

(2) O conceito de peregrinação é presente no chamado de Abraão e no seu desenvolvimento. Vale recordar que a figura do peregrino foi utilizada para indicar o indivíduo que, neste mundo, vive pela fé. Para Ratzinger, a peregrinação é a figura que a Escritura usa para demonstrar a conscientização que a fé concede a Abraão: “tudo se exprime na imagem e na realidade da peregrinação: Abraão está a caminho. Já não pertence a nenhum lugar específico e por isso se tornou livremente e em qualquer lugar um estrangeiro, um hóspede”.<sup>12</sup> Na História da Igreja, Agostinho de Hipona (354 – 430), ao apresentar a transcendência de Deus quanto à vida passageira do ser humano nesta terra, usa também a figura do peregrino. Na obra *Confissões*, no Livro X, Agostinho traz uma meditação sobre a eternidade e o tempo, embasando-se no primeiro versículo do Gênesis.<sup>13</sup> O filósofo brasileiro Moacyr Novaes Filho afirmou que “o esforço incessante para encurtar uma distância infinita é apresentado pela metáfora do peregrino, não raro utilizada por Agostinho, que permite exibir certa ambiguidade da relação do tempo com a eternidade”.<sup>14</sup>

<sup>8</sup> RATZINGER, J., Conferência sob o tema “Fé e existência” à Emissora Radiofônica da Baviera, p. 34-35, [grifo do autor].

<sup>9</sup> RATZINGER, J., Conferência sob o tema “Fé e existência” à Emissora Radiofônica da Baviera, p. 39.

<sup>10</sup> RATZINGER, J., Conferência sob o tema “Fé e existência” à Emissora Radiofônica da Baviera, p. 38.

<sup>11</sup> RATZINGER, J., Conferência sob o tema “Fé e existência” à Emissora Radiofônica da Baviera, p. 38.

<sup>12</sup> RATZINGER, J., Conferência sob o tema “Fé e existência” à Emissora Radiofônica da Baviera, p. 38.

<sup>13</sup> NOVAES FILHO, M., A razão em exercício, p. 211.

<sup>14</sup> NOVAES FILHO, M., A razão em exercício, p. 213.

Agostinho pediu que o Senhor tivesse compaixão dele e atendesse o seu desejo que não era de assuntos terrenos,

De ouro ou prata ou pedras preciosas, belas roupas, honras e poder ou prazeres carnavais, nem tampouco de coisas necessárias ao corpo e a esta nossa vida de peregrinação, coisas essas que todas nos serão dadas em acréscimo se procurarmos o teu reino e a tua justiça.<sup>15</sup>

Ao refletir sobre esta figura do peregrino, em relação à fé, conclui Ratzinger: “a fé significa tornar-se peregrino e ultrapassar aquele falso sedentarismo que amarra o homem ao que é ‘pequenininho, mas meu’ e lhe rouba assim a sua verdadeira grandeza”.<sup>16</sup>

(3) Ter fé significa confiar no Deus que chama para segui-lo: “Abraão, em nome do futuro que a fé lhe prometia, se tornou apátrida e encontrou a sua pátria precisamente na certeza de sua fé”.<sup>17</sup> Em outra conferência radiofônica de 1969, Ratzinger declarou que “o cerne da fé não é um sistema de conhecimentos, mas sim uma confiança”.<sup>18</sup> A partir da história de Abraão, o teólogo alemão define “fé” do seguinte modo:

A fé significa que o futuro prevalece sobre o presente, significa a disponibilidade de abandonar o Presente graças ao futuro. A fé significa uma vida vivida com espírito de confiança. A fé significa a certeza de que é Deus quem assegura o futuro do homem.<sup>19</sup>

Dentro desta definição, Ratzinger enfatiza que a fé conduz o pensamento humano para a eternidade, já que ela significa a ruptura com o mundo do calculável e do cotidiano, sendo o contato com o eterno, o interesse do indivíduo pelo eterno. A fé, ele continua, significa:

A coragem audaz que o homem pode sentir perante o eterno, contra a presunção da mentalidade tacaña, que não quer ver para lá do imediato e que não ousa enfrentar as coisas grandes, coisas que na vida humana, podem ir mais além do que o pão de cada dia e o sustento para o dia seguinte.<sup>20</sup>

<sup>15</sup> AGOSTINHO, Confissões, Lv X. 2, 4.

<sup>16</sup> RATZINGER, J., Conferência sob o tema “Fé e existência” à Emissora Radiofônica da Baviera, p. 50.

<sup>17</sup> RATZINGER, J., Conferência sob o tema “Fé e existência” à Emissora Radiofônica da Baviera, p. 39.

<sup>18</sup> RATZINGER, J., Conferência sob o tema “Fé e saber” à Emissora Radiofônica da Baviera, p. 30.

<sup>19</sup> RATZINGER, J., Conferência sob o tema “Fé e existência” à Emissora Radiofônica da Baviera, p. 39.

<sup>20</sup> RATZINGER, J., Conferência sob o tema “Fé e existência” à Emissora Radiofônica da Baviera, p. 39-40.

Observa-se, nesta definição, que Ratzinger, no final da década de 1960, já criticava a fé que não vislumbra a eternidade, mas se detém apenas no que é calculável e cotidiano.

## 2. A Fé no Novo Testamento

### 2.1. Ato de Deus e ato humano

A partir do Novo Testamento, Ratzinger deduz que a fé é dom de Deus, não algo fabricado ou inventado.<sup>21</sup> Em 1990, ao discursar no Sínodo sobre a formação sacerdotal,<sup>22</sup> Ratzinger declarou que “a fé não é inventada pelo homem: o homem não faz de si mesmo um cristão pela sua meditação ou pela honestidade moral. A conversão à fé se origina sempre fora. É um dom que vem de um Outro, de Cristo que vem ao nosso encontro”.<sup>23</sup> “Quando se perde de vista esse ‘*extra divinum*’, a estrutura essencial da fé cristã corre perigo”.<sup>24</sup> Deste modo, de acordo com Ratzinger, a fé será dom, receptividade, dar e receber – um dom de Deus que se recebe, nunca algo inventado.<sup>25</sup> De fato, em 1965, Ratzinger, assim, ensinou: “a fé, em sua forma mais simples e profunda, não é senão aquele instante de amor no qual reconhecemos que também nós temos necessidade de que nos ajudem”.<sup>26</sup> A fé, continua ele, consiste em superar a autocomplacência e a autossatisfação do que se sente satisfeito e afirma: “fiz tudo, não necessito de ajuda.” “Na ‘fé’, termina o egoísmo, autêntica contraposição do amor. A fé está presente no amor verdadeiro; é, tão somente, o momento culminante do amor: a receptividade do que não se fundamenta em suas próprias forças, mas sente-se necessitado e auxiliado.”<sup>27</sup> Se a fé é um dom que se recebe (um presente de Deus), logo, por meio dela, espera-se que o cristão auxilie os outros como testemunho de sua fé. Assim, a fé será sempre algo vivido, um ato livre e pessoal através do qual o sujeito se apropria da mensagem proclamada pela comunidade crente e a torna sua, visando que ela se transforme em seu horizonte de vida.<sup>28</sup>

<sup>21</sup> BLANCO, S. P., Joseph Ratzinger, p. 83.

<sup>22</sup> RATZINGER, J., Começar do “Nada” (novembro de 1990), (nota do organizador), p. 71.

<sup>23</sup> RATZINGER, J., Começar do “Nada” (novembro de 1990), p. 76.

<sup>24</sup> RATZINGER, J., Começar do “Nada” (novembro de 1990), p. 76.

<sup>25</sup> BLANCO, S. P., La teología de Joseph Ratzinger, p. 144.

<sup>26</sup> RATZINGER, J., O que é ser cristão, p. 54.

<sup>27</sup> RATZINGER, J., O que é ser cristão, p. 55.

<sup>28</sup> MANZATTO, A., Bento XVI e a teologia, p. 108.

A fé é um dom: anos mais tarde, o *Catecismo da Igreja Católica* afirmava esta convicção. Sobre a elaboração deste Catecismo, em 1992, o Papa João Paulo II, na Constituição Apostólica *Fidei Depositum* (texto que se encontra na apresentação deste Catecismo), explicou que ele foi fruto de uma vastíssima colaboração:

Foi elaborado em seis anos de intenso trabalho, conduzido num espírito de atenta abertura e com apaixonado ardor. Em 1986, confiei a uma Comissão de doze Cardeais e Bispos, presidida pelo senhor Cardeal Joseph Ratzinger, o encargo de preparar um projeto para o Catecismo requerido pelos padres do Sínodo.<sup>29</sup>

O Sínodo a que o Papa se refere é a Assembleia Extraordinária do Sínodo dos Bispos, convocada por ele mesmo, em 25 de janeiro de 1985, por ocasião do vigésimo aniversário do encerramento do Concílio Vaticano II: “a finalidade dessa Assembleia era celebrar as graças e os frutos espirituais do Concílio Vaticano II, aprofundar seu ensinamento para aderir melhor a ele e promover seu conhecimento e sua aplicação”. Em 1993, Ratzinger interpretou o desejo de João Paulo II ao convocar a Assembleia Extraordinária do Sínodo dos Bispos (de 1985), afirmando que o Sínodo pretendia ser mais do que uma recordação solene do grande acontecimento da história eclesial, do qual apenas alguns dos bispos ali presentes haviam participado:

Ele deveria olhar não só para trás, mas também para a frente: verificar a situação da Igreja; refletir mais uma vez sobre a vontade fundamental do Concílio; indagar como essa vontade deveria ser adaptada aos dias de hoje e como ser fecundada para dar frutos no futuro.<sup>30</sup>

Para quem o Catecismo deveria ser enviado? Ratzinger responde: “em primeiro lugar, se deveria ter em mente aqueles que mantêm toda a estrutura da catequese: os bispos. O livro deveria servir a eles primeiramente, e a seus colaboradores responsáveis pela catequese nas diversas Igrejas locais”.<sup>31</sup> Contudo, “na Igreja os leigos também são co-portadores da fé; eles não só recebem a doutrina, mas também a transmitem através de seu senso de fé, e a desenvolvem. Eles respondem igualmente tanto por sua estabilidade como por sua vivência”.<sup>32</sup> Esta fala do Cardeal Prefeito foi muito importante, visto que “na crise do período pós-conciliar, o senso da fé dos leigos é que contribuiu de

<sup>29</sup> FD p. 35.

<sup>30</sup> RATZINGER, J., Introdução ao Catecismo da Igreja Católica, p. 11.

<sup>31</sup> RATZINGER, J., Introdução ao Catecismo da Igreja Católica, p. 19.

<sup>32</sup> RATZINGER, J., Introdução ao Catecismo da Igreja Católica, p. 19.

forma essencial para o discernimento dos espíritos”.<sup>33</sup> Anos depois, em 2003, Ratzinger reconheceu que “é evidente que hoje a ignorância religiosa é enorme; basta falar com as novas gerações (...) No pós-Concílio, evidentemente, não se conseguiu concretamente transmitir os conteúdos da fé cristã”.<sup>34</sup> Porém, o que foi feito teve a ajuda dos cristãos leigos que se mantiveram fiéis aos ensinamentos da Igreja. Portanto, Ratzinger afirmou, em 1993, que o Catecismo “deveria ser também acessível para os leigos interessados; deveria constituir um instrumento de sua maioridade e de sua própria responsabilidade pela fé. Que não apenas fossem instruídos pelos superiores, mas que pudessem dizer por si mesmos: Esta é nossa fé”.<sup>35</sup> Por fim, em terceiro lugar, sendo o Catecismo essencial para a tarefa da catequese e da evangelização, “apresenta-se como ajuda também para os agnósticos, para os que questionam e buscam, de modo que possam saber em que a Igreja Católica acredita e o que procura viver”.<sup>36</sup> Em 2003, Ratzinger confirmou esta ideia – dita em 1993: “a edição de 1992 é um ponto de referência importante para se saber o que ensina a Igreja, e por isso é útil até para quem não é católico”.<sup>37</sup>

Retornando, agora, ao tema proposto, de que a fé é um dom que se recebe – um presente de Deus, o *Catecismo da Igreja Católica* confirmou esta convicção como Tradição da Igreja. Ao citar o texto bíblico em que Pedro afirmou que Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivo (Mt 16,17), o Catecismo comenta: “a fé é um dom de Deus, uma virtude Sobrenatural infundida por ele”.<sup>38</sup> “Crer só é possível pela graça e pelos auxílios interiores do Espírito Santo”.<sup>39</sup> Porém, alhures, completa: “mas não é menos verdade que crer é um ato autenticamente humano. Não contraria nem a liberdade nem a inteligência do homem confiar em Deus e aderir às verdades por Ele reveladas”.<sup>40</sup> Ratzinger também trabalha a fé como ato autenticamente humano, quando retrata às ações humanas realizadas pela fé: por exemplo, em 1965, ele fez menção ao texto que alude ao juízo final (Mateus 25,34-46), especialmente enfatizando o verso 45, no qual Cristo declara que todas as vezes que o seu povo deixou de ajudar aos necessitados, a ele mesmo deixou de ajudar. Sobre a passagem, ele refletiu que “de acordo com esta parábola, o juiz do mundo não pergunta as teorias que um

<sup>33</sup> RATZINGER, J., Introdução ao Catecismo da Igreja Católica, p. 19.

<sup>34</sup> RATZINGER, J., O Catecismo num mundo pós-cristão (abril de 2003), p. 168.

<sup>35</sup> RATZINGER, J., Introdução ao Catecismo da Igreja Católica, p. 20.

<sup>36</sup> RATZINGER, J., Introdução ao Catecismo da Igreja Católica, p. 20.

<sup>37</sup> RATZINGER, J., O Catecismo num mundo pós-cristão (abril de 2003), p. 167.

<sup>38</sup> CEC 153.

<sup>39</sup> CEC 154.

<sup>40</sup> CEC 154.

homem teve sobre Deus e sobre o mundo. Não pergunta pelos conhecimentos dogmáticos, mas pelo amor. Este basta para salvar o homem”.<sup>41</sup> Assim,

O amor que aqui se descreve como a essência do cristianismo exige de nós que procuremos amar como Deus ama. Ele não nos ama porque somos especialmente bons, especialmente serviçais, porque lhe somos úteis ou necessários; ama-nos, não porque nós somos bons, mas porque Ele é bom.<sup>42</sup>

A partir do que fora dito, Ratzinger chega à seguinte conclusão: “ser cristão significa ter amor”.<sup>43</sup> E: “ser cristão significa ter amor; significa realizar a revolução copernicana, pela qual deixamos de nos considerar o ponto cêntrico do universo e não permitimos que os outros girem somente ao nosso redor”.<sup>44</sup> O desafio de ser realmente cristão é feito nas seguintes perguntas: alguém pode dizer que nunca olhou diferente ao passar por aquele que sentia fome ou sede, ou de qualquer necessitado? Alguém pode afirmar que cumpre perfeitamente o serviço desinteressado ao pobre? Quem não pode reconhecer que, mesmo na bondade praticada para com os outros, sempre permanece um pouco de egoísmo e autossatisfação que conduz a fixação em si mesmo? Quem pode veementemente afirmar que vive, mais ou menos, na ilusão pré-copernicana, ao considerar a estrutura dos outros apenas em relação ao próprio eu? O auxílio para que estas situações sejam controladas, de acordo com Ratzinger, encontra-se no uso correto da fé, porque esta significa que o déficit do amor somente é preenchido com a abundância de Jesus Cristo. “Diz-nos, simplesmente, que Deus derramou abundantemente seu amor entre nós, cobrindo de antemão nosso déficit. Em uma palavra, não significa outra coisa que reconhecer nossa indigência; significa estender a mão e deixar que nos deem”.<sup>45</sup> O tema do “amor” é fundamental na carreira teológica de Ratzinger, por isso, ligá-lo à fé não surpreende. Um dos textos que ele gosta de citar é 1 Coríntios 13,13, no qual Paulo nomeia como importante para a vida do cristão: a fé, a esperança e o amor. Para teólogo católico James Corkery, “não é por acaso que o livro de Joseph Ratzinger sobre Boaventura termina com a citação (...) de Primeira [epístola de] Coríntios”.<sup>46</sup> Depois de ser

---

<sup>41</sup> RATZINGER, J., O que é ser cristão, p. 50.

<sup>42</sup> RATZINGER, J., O que é ser cristão, p. 51.

<sup>43</sup> RATZINGER, J., O que é ser cristão, p. 52.

<sup>44</sup> RATZINGER, J., O que é ser cristão, p. 53.

<sup>45</sup> RATZINGER, J., O que é ser cristão, p. 54.

<sup>46</sup> “It is no accident that Joseph Ratzinger’s book on Bonaventure ends with the above quotation from first Corinthians” (CORKERY, J., Joseph Ratzinger’s theological ideas, p. 34) [tradução minha, acréscimo meu].

eleito papa, Ratzinger continuou a sistematizar sua teologia em torno das três principais realidades cristãs, denominadas de “virtudes teológicas”. De acordo com o *Catecismo da Igreja Católica*, “as virtudes teológicas se referem diretamente a Deus. Dispõem os cristãos a viver em relação com a Santíssima Trindade e têm a Deus Uno e Trino por origem, motivo e objeto”.<sup>47</sup> Qual o objetivo destas virtudes? O Catecismo continua declarando que as virtudes teológicas fundamentam, animam e caracterizam a ação moral do cristão:

Informam e vivificam todas as virtudes morais. São infundidas por Deus na alma dos fiéis para torná-los capazes de agir como seus filhos e merecer a vida eterna. São o penhor da presença e da ação do Espírito Santo nas faculdades do ser humano. Há três virtudes teológicas: a fé, a esperança e a caridade”.<sup>48</sup>

Ratzinger, sendo Papa, escreveu três encíclicas: *Deus caritas est* (2005), *Spe Salvi* (2007) e *Caritas in veritate* (2009). Segundo Manzatto, “a temática teológica tratada transparece no simples olhar desses títulos: fé, esperança e caridade. É a abordagem tripartite daquilo que significa ser cristão”.<sup>49</sup> Percebe-se que as encíclicas de Ratzinger perpetuam as ênfases dadas por ele antes do Ministério Petrino.

## 2.2. A fé é unida ao conceito de conversão

Ratzinger afirma que, no Novo Testamento, a fé está unida ao conceito de conversão. Para ele, *μετάνοια* (*metanoia*) e conversão estão na estrutura da fé.<sup>50</sup> O que é *metanoia*? Em 1972,<sup>51</sup> foi escrito um artigo pelo professor Ratzinger que se mudara para Regensburg; no texto, o teólogo insistiu novamente na necessidade da conversão após um otimismo pós Concílio Vaticano II,<sup>52</sup> explicando a dificuldade em se definir *metanoia*: “qualquer tentativa de traduzir a palavra ‘metanoia’ esbarra imediatamente em dificuldade: repúdio, mudança de opinião, arrependimento, expiação, conversão, reforma – tudo isso se sugere,

<sup>47</sup> CEC 1812.

<sup>48</sup> CEC 1812.

<sup>49</sup> MANZATTO, A., Bento XVI e a teologia, p. 106.

<sup>50</sup> BOEVE, L., Christ, humanity and salvation, p. 57.

<sup>51</sup> RATZINGER, J., Principles of Catholic Theology, p. 395; BLANCO, S. P., Joseph Ratzinger, nota 69, p. 79.

<sup>52</sup> BLANCO S. P., Joseph Ratzinger, nota 69, p. 79.

mas nenhum deles esgota o sentido pleno da palavra”.<sup>53</sup> Para ele, *conversão* e *reforma*, no sentido de toda a vida, talvez revelem melhor o caráter radical do que realmente significa *metanoia*: “um processo que afeta toda a existência de alguém – e sua existência inteiramente, isto é, em toda a sua extensão temporal – e que requer muito mais do que apenas um único ou mesmo um ato repetido de pensar, sentir ou querer”.<sup>54</sup> Após, Ratzinger afirma: “talvez a dificuldade da interpretação linguística esteja ligada ao fato de que todo o conceito se tornou estranho para nós, que o conhecemos apenas em pedaços isolados e não mais como um todo abrangente”.<sup>55</sup> Ele cita uma preocupação teológica atual: a questão da linguagem teológica para o ser humano de hoje.

Ratzinger ensina que *metanoia* soa estranho. Isso não ocorre somente com esta palavra; outros termos cristãos, como *pecado* e *penitência*, desapareceram do discurso humano contemporâneo e se tornaram tabus.<sup>56</sup> De fato, a linguagem teológica atravessa uma crise profunda, não apenas para os de fora dos âmbitos cristãos, mas também para os de dentro. Deste modo, expressões como “encarnação”, “ascensão”, “pecado original” e outras suscitam notável perplexidade.<sup>57</sup> Uma destas causas foi a “secularização”, termo que, no sentido de *secularidade*, está associado à ideia de autonomia da esfera política em relação à religiosa, tendo como consequência a exclusão da figura de Deus como o estruturador da vida social, a fonte de valores que fundamentam as discussões políticas e econômicas e a hipótese para a pesquisa científica.<sup>58</sup> A secularização colocou à parte a esfera do sagrado e do sobrenatural, levantando o problema do sentido de toda linguagem religiosa da Escritura, da Igreja e da Teologia.<sup>59</sup> O teólogo francês Joseph Moingt (1915-2020), em 2002, também refletiu sobre o tema:

---

<sup>53</sup> “Any attempt to translate the word ‘metanoia’ runs immediately into difficulty: repudiation, change of mind, repentance, atonement, conversion, reformation – all these suggest themselves, but none of them exhausts the word’s full meaning” (RATZINGER, J., *Faith as Conversion – Metanoia* (1972), p. 55) [tradução minha].

<sup>54</sup> “a process that affects one’s entire existence – and one’s existence entirely, that is, to the full extent of its temporal span – and that requires far more than just a single or even a repeated act of thinking, feeling or willing” (RATZINGER, J., *Faith as Conversion – Metanoia* (1972), p. 55) [tradução minha].

<sup>55</sup> “Perhaps the difficulty of linguistic interpretation is linked to the fact that the whole concept has become strange to us, that we know it only in isolated bits and pieces and no longer as a comprehensive whole” (RATZINGER, J., *Faith as Conversion – Metanoia* (1972), p. 55) [tradução minha].

<sup>56</sup> BOEVE, L., *Christ, humanity and salvation*, p. 53.

<sup>57</sup> MONDIN, B., *A linguagem teológica*, p. 9.

<sup>58</sup> ASSUNÇÃO, R., *Bento XVI, A Igreja Católica e o “Espírito da Modernidade”*, p. 183.

<sup>59</sup> MONDIN, B., *A linguagem teológica*, p. 11.

Depois de ter observado a perda generalizada da crença em Deus na cultura moderna e o desaparecimento da religião das estruturas profundas da sociedade e ter refletido sobre o fato de a fé cristã não ter sua origem nas crenças religiosas arcaicas da humanidade, tendo contribuído de maneira significativa para libertar o espírito humano de tais crenças, uma vez que está fundada na palavra de Deus recebida de Cristo e recebe sua força do Espírito Santo, resta apenas ao crente assumir o divórcio entre fé e razão, entre a Igreja e a sociedade contemporânea, e se entrenchear na comunidade de crentes a partir da revelação histórica de Cristo? Entretanto, tal atitude não equivaleria a assumir o luto de Deus, ou seja, a se resignar com a sua morte no mundo?<sup>60</sup>

Quando pediam ao apóstolo Paulo um discurso de sabedoria ou outros sinais de poder, ele lhes respondia que não queria outra linguagem a não ser a da cruz (1Cor 1,17-25). Contudo, o próprio apóstolo, diante de seus interlocutores – quer fossem judeus, gregos ou bárbaros, procurou se fazer tudo para todos, com o objetivo de alguma forma, salvar alguns (1Cor 9,22), e argumentou tanto como os escribas, quanto como os retóricos (At 17,11.17-18). Diante disso, Moingt pergunta:

O que se sucederá com essa atitude quando a relação do homem com o mundo e a história tiver mudado a ponto de obscurecer profundamente sua relação com Deus, quando o nome de Deus não der mais a pensar e nada mais evocar de real para um grande número de pessoas? Poderá o cristão ater-se à linguagem da Revelação, que não tem mais um sentido imediato para a maioria das pessoas com as quais convive, ou será obrigado a empregar inicialmente a linguagem da razão comum? Poderá ele próprio permanecer longo tempo fechado na fé sem que ele seja possível ‘dar razões’ dela a si mesmo e aos outros e expressá-la na mesma língua cultural?<sup>61</sup>

A linguagem teológica e sua aplicação no tempo presente também foi preocupação de Ratzinger. Foi citada, anteriormente, a preocupação dele com o significado de *metanoia* para o indivíduo atual – parece que este não entende ou não quer entender. No início de sua obra *Introdução ao Cristianismo*, em 1968, Ratzinger também se preocupou com o entendimento da linguagem teológica para o ser humano atual. A obra é um clássico continuamente reeditado que formou uma geração de clérigos e leigos – especialmente católicos e plenamente abertos ao novo clima do Vaticano II.<sup>62</sup> Umberto Casale localiza o livro no terceiro período da carreira acadêmica

---

<sup>60</sup> MOINGT, J., Deus que vem ao homem, p. 105.

<sup>61</sup> MOINGT, J., Deus que vem ao homem, p. 105-106.

<sup>62</sup> RATZINGER, J.; MESSORI, V., A fé em crise, p. 8.

de Ratzinger, colocando-o na segunda metade da década de 1960, quando Ratzinger era professor em Tubinga. Foi o momento de maturidade teológica, que se expressou na síntese feita por Ratzinger sobre a fé cristã na *Introdução ao Cristianismo* e nos estudos eclesiológicos que aparecem publicados conjuntamente no livro *O Novo Povo de Deus*. Na *Introdução ao Cristianismo*, que parte do contexto “pós-cristão”, Ratzinger assume a tarefa de reinterpretar os conceitos e as fórmulas da fé (o “credo”), apresentando “a mensagem cristã com categorias existenciais, pessoais, dinâmicas e comunitárias, com o objetivo de mostrar as verdades da fé como uma oferta de sentido para a existência humana, sem, por outro lado, neutralizar a fé, suprimindo o *escândalo* que a acompanha (a *theologia crucis*)”.<sup>63</sup> Sobre a linguagem teológica, na *Introdução ao Cristianismo*, Ratzinger escreveu: “quem hoje tenta falar sobre a fé cristã, diante de pessoas que por profissão ou convenção não estão familiarizadas com o pensamento e a linguagem eclesiais, logo perceberão quão difícil e desconcertante é essa empreitada”.<sup>64</sup> Alhures, na mesma obra, afirmou:

Quando, no entanto, aquele que tenta proclamar a fé possui um senso suficiente de autocrítica, ele imediatamente nota que aqui não é apenas uma questão de forma, de uma crise de vestuário em que a teologia é debatida. Na falta de mordacidade que aflige o empreendimento teológico para os homens do nosso tempo, aquele que souber levar a sério o seu compromisso verá por experiência não só a dificuldade que apresenta a interpretação, mas também a condição de insegurança em que ele derrama sua própria fé, o poder quase imaginável da incredulidade que se opõe à sua boa vontade de acreditar. Portanto, quem hoje procura honestamente prestar contas a si mesmo e aos outros da fé cristã terá que aprender a admitir que não é apenas o homem mascarado, que só precisa trocar de roupa para poder ensinar aos outros com sucesso. Em vez disso, ele terá que entender que sua própria situação não se distingue da dos outros de maneira tão radical, como ele entendeu que poderia pensar no início. Em suma, você perceberá que em ambos os grupos – crentes e não crentes – as mesmas forças estão presentes, embora de maneiras diferentes, dependendo do campo.<sup>65</sup>

---

<sup>63</sup> “... el mensaje cristiano con categorías existenciales, personalistas, dinámicas y comunitarias con el objetivo de mostrar las verdades de la fe como un ofrecimiento de sentido para la existencia humana, sin, por otra parte, neutralizar la fe suprimiendo el *escándalo* que le acompaña (la *theologia crucis*)” (CASALE, U. ¿Fe y ciencia, una comunicación de saberes?, p. 44 [grifo do autor, tradução minha].

<sup>64</sup> “Chi oggi tenti di parlare della fede cristiana, di fronte a persone che per professione o per convenzione non hanno familiarità col pensiero e col linguaggio ecclesiale, avvertirà ben presto quanto sia ostica e sconcertante tale impresa” (RATZINGER, J., *Introduzione al cristianesimo*, p. 31 [tradução minha].

<sup>65</sup> “Allorché, però, colui che tenta di annunciare la fede possiede un sufficiente senso dell'autocritica, rileva subito come qui non si tratti soltanto di una questione di forma, di una crisi di vestiario in cui si dibatte la teologia. Nella mancanza di mordente da cui è afflitta l'impresa

Em 1997, Ratzinger reconheceu que, na verdade, deixou-se em grande parte de conhecer o cristianismo: “quantas imagens numa igreja, por exemplo, já não evocam nada; já não se sabe o que se quis dizer com elas. Até termos que as pessoas de meia-idade ainda conhecem, como tabernáculo e outros, transformaram-se em estrangeirismos”.<sup>66</sup> O que fazer diante disso? A sugestão do teólogo alemão é que se crie novamente uma curiosidade pelo cristianismo, o desejo em se saber realmente o que ele é. Para o anúncio do Evangelho, “... seria muito importante superar o sentimento de que o cristianismo está estagnado, o sentimento do já conhecido, criar curiosidade pela riqueza que nele se esconde e não considerar essa riqueza como um peso de sistemas, mas como um tesouro de vida que vale a pena conhecer”.<sup>67</sup> No ano de 2003, Ratzinger, ao explicar sobre a necessidade de um *Compêndio do Catecismo da Igreja Católica*, citou uma dificuldade para com os indivíduos de hoje, que é haver certa aversão a qualquer tentativa de “cristalizar” em palavras uma doutrina, em nome da flexibilidade.

E há um certo antidogmatismo vivo em muitos corações. O movimento catequético pós-conciliar, sobretudo, acentuou o aspecto antropológico da questão e acreditou que um catecismo, sendo demasiado doutrinário, seria um impedimento ao necessário diálogo com o homem de hoje.<sup>68</sup>

A resposta do Prefeito da Congregação da Doutrina da Fé foi: “nós estamos convencidos do contrário. Para dialogar bem, é necessário saber do que devemos falar. É necessário conhecer a substância da nossa fé. Por isso, hoje [em 2003] um catecismo é mais necessário do que nunca”.<sup>69</sup> E: “a fé como tal é sempre idêntica (...)

---

teologica per gli uomini del nostro tempo, colui che sa prendere sul serio il suo impegno constaterà per esperienza non solo la difficoltà è presentata dall'interpretazione, ma anche la condizione di insicurezza in cui versa la sua propria fede, la potenza quasi inarginabile dell'incredulità che si oppone alla sua buona volontà di credere. Sicché, chiunque cerchi oggi onestamente di render conto a se stesso e ad altri della fede cristiana dovrà imparare ad ammettere di non essere soltanto l'uomo mascherato, cui basti solo cambiar d'abito per essere subito in grado di istruire altri con successo. Dovrà invece comprendere che la sua stessa situazione non si distingue da quella degli altri in maniera così radicale, come gli era parso di poter pensare all'inizio. Si accorgerà insomma che in entrambi i gruppi – credenti e non-credenti – sono presenti le stesse forze, sia pure con modalità differenti a seconda del campo” (RATZINGER, J., *Introduzione al cristianesimo*, p. 33-34 [tradução minha]).

<sup>66</sup> RATZINGER, J., *O sal da terra*, p. 16.

<sup>67</sup> RATZINGER, J., *O sal da terra*, p. 16.

<sup>68</sup> RATZINGER, J., *O Catecismo num mundo pós-cristão* (abril de 2003), p. 168.

<sup>69</sup> RATZINGER, J., *O Catecismo num mundo pós-cristão* (abril de 2003), p. 168 [acrêscimo meu].

o que pode mudar é a maneira de transmitir os conteúdos da fé”.<sup>70</sup> Depois, Ratzinger explica o *modus operandi* do conteúdo e da metodologia da catequese católica, a partir da publicação do Compêndio do Catecismo, afirmando que o texto oferecerá somente sugestões quanto ao método, “... visto que nesse campo deve-se deixar uma grande liberdade, pois os contextos sociais e culturais da orbe católica são muito diferentes entre si. Preservando-se os conteúdos essenciais da fé, uma certa flexibilidade metodológica é sempre necessária na catequese”.<sup>71</sup> Após citar a questão da dificuldade do ser humano atual entender o significado de *metanoia*, Ratzinger ensina que o ser humano, para ser verdadeiramente ele mesmo, como um todo, “... tem necessidade do movimento abrangente de conversão (...) e de auto comunhão (...), que, como tarefa interminável da metanoia, exige que ele desvie sua vida da dissipação em assuntos externos e a dirija para dentro, onde habita a verdade.”<sup>72</sup> Porém, deve ficar claro que a *metanoia*, conforme citada na Escritura, não observa apenas uma parte do ser humano, isto é, o seu interior; observa também o seu exterior, já que analisa o ser humano inteiro. Ratzinger, portanto, escreve:

A crença bíblica é mais crítica, mais radical. Sua crítica é dirigida não somente ao homem exterior. Ela sabe que o perigo espreita precisamente na arrogância de espírito do homem, nas profundezas mais íntimas de seu ser. Ela critica não apenas metade, mas todo o homem. A salvação não vem apenas da interioridade, pois esta mesma interioridade pode ser rígida, tirânica, egoísta, má: ‘É o que sai do homem que o torna impuro’ (Mc 7,20). Não é apenas o voltar-se para si mesmo que salva, mas sim o voltar-se para o Deus que chama.<sup>73</sup>

Ratzinger conclui que *metanoia* não é uma atitude cristã qualquer, mas, sim, um ato cristão fundamental, entendido, reconhecidamente, “... a partir de uma perspectiva muito definida: a de transformação, conversão, renovação e mudança.

<sup>70</sup> RATZINGER, J., O Catecismo num mundo pós-cristão (abril de 2003), p. 169.

<sup>71</sup> RATZINGER, J., O Catecismo num mundo pós-cristão (abril de 2003), p. 170.

<sup>72</sup> “has need of the comprehensive movement of conversion [*Umkehr*: turning away] and self-communion [*Einkehr*: turning within], which, as the never-ending task of metanoia, requires that he turn his life away from dissipation in external matters and direct it within, where truth dwells” (RATZINGER, J., Faith as Conversion – Metanoia (1972), p. 59) [tradução minha].

<sup>73</sup> “Biblical belief is more critical, more radical. Its criticism is directed not just to the outer man. It knows that danger lurks precisely in man’s arrogance of spirit, in the most inward depths of his being. It criticizes not just half but all of man. Salvation comes not just from inwardness, for this very inwardness can be rigid, tyrannical, egoistical, evil: ‘It is what comes out of a man that makes him unclean’ (Mk 7:20). It is not just the turning to oneself that saves but rather the turning away from oneself and toward the God who calls” (RATZINGER, J., Faith as Conversion – Metanoia (1972), p. 59-60) [tradução minha].

Para ser cristão, deve-se mudar não apenas em alguma área em particular, mas sem reservas até mesmo nas profundezas de seu ser”.<sup>74</sup> Ratzinger, na *Introdução ao Cristianismo*, de 1968, utiliza-se da ilustração da gravidade para explicar o conceito de *metanoia*. Para a compreensão desse termo, no pensamento de Ratzinger, é importante citar esta ilustração:

A força natural da gravidade inerente ao homem sempre o empurra para o visível, para o que ele pode pegar na mão e agarrar, tornando-o seu. Ele deve, portanto, inverter o curso internamente, para poder ver até que signo perde de vista quem realmente é, quando se deixa levar por sua gravidade natural. Ele deve dar uma virada decisiva se quiser reconhecer quando é cego quando confia apenas no que seus olhos veem. Sem essa conversão do caminho da existência, sem a inversão da tendência natural, não há fé. Sim, a fé é a conversão, na qual o homem descobre que está perseguindo uma ilusão, quando se lança apenas à mercê do perceptível. E esta é, ao mesmo tempo, a razão mais profunda que explica por que a fé não é demonstrável: é um ponto de virada do ser, para o qual somente aqueles que fazem tal virada podem concebê-la. E uma vez que a força da gravidade em nós nunca deixa de nos empurrar em outra direção, a fé como ponto de virada continua sendo um fato a ser renovado a cada dia; de modo que somente através da conversão contínua, por toda a vida, somos capazes de compreender verdadeiramente o que significa dizer eu creio.<sup>75</sup>

---

<sup>74</sup> “... from a very definite perspective: that of transformation, conversion, renewal and change. To be a Christian, one must change not just in some particular area but without reservation even to the innermost depths of one’s being” (RATZINGER, J., *Faith as Conversion – Metanoia* (1972), p. 60) [tradução minha].

<sup>75</sup> “La forza di gravità naturale insita nell’uomo lo spinge sempre verso il visibile, verso ciò che può prendere in mano e afferrare, facendolo suo. Egli deve quindi invertire interiormente la rotta, per riuscire a vedere sino a quale segno perde di vista chi egli è propriamente, quando si lascia trascinare dalla sua gravità naturale. Deve svoltare decisamente, se vuol riconoscere quando sia cieco allorché confida solo in ciò che i suoi occhi vedono. Senza tale conversione di rotta dell’esistenza, senza inversione della tendenza naturale, non esiste fede. Sicuro: la fede è realmente la conversione, in cui l’uomo scopre di stare inseguendo un’illusione, qualora si getti unicamente in balia del percettibile. E questa è al contempo la più profonda ragione che spiega perché la fede non sia dimostrabile: essa è una svolta dell’essere, per cui solo chi compie tale svolta riesce a concepirla. E siccome la forza di gravità in noi non cessa mai di spingerci in un’altra direzione, la fede in quanto svolta rimane un fatto da rinnovare ogni giorno; sicché solo mediante una conversione continua, per tutto l’arco della vita, noi siamo in grado di comprendere veramente che cosa significhi dire io credo” (RATZINGER, J., *Introduzione al cristianesimo*, p. 44.) [grifo do autor, tradução minha].

Em 1992, Ratzinger refletiu sobre o tema fé, religião e cultura.<sup>76</sup> Ele tocou no tema “conversão” (*conversio*), destacando que esta palavra, ao lado do termo “missão”, se tornou “proibida”: “hoje em dia, tornou-se quase geral a opinião de que se deva entender por ‘conversão’ apenas uma mudança radical do caminho interior e não uma passagem de uma religião a outra, isto é, a passagem para o cristianismo”.<sup>77</sup> A ideia da equivalência transcendental das religiões impõe o mandamento da tolerância e de respeito pelo outro, o que significa que é necessário respeitar a decisão do indivíduo que resolve mudar de religião. Porém, afirma Ratzinger, “... não se deve chamar esse processo de conversão, pois isso iria conferir à fé cristã um *status* superior e, com isso, contrariar a ideia da igualdade das religiões”.<sup>78</sup> Ratzinger defende que o cristão precisa resistir a essa ideia da igualdade – não que, com isso, ele queira fazer-se a si mesmo algo superior, já que ninguém é cristão por si mesmo, mas cada um o é pela conversão. A necessidade da conversão existe por causa da verdade: “o cristão crê, sem dúvida, que o Deus vivo nos chama em Cristo de uma maneira singular, pedindo de nós obediência e conversão. Tudo isso implica que, com relação às religiões, a questão da verdade tem um papel importante e que a verdade é para todos um dom e para ninguém uma alienação”.<sup>79</sup>

## Conclusão

A Escritura Sagrada, segundo Joseph Ratzinger, apresenta um modelo de fé que, a partir de Abraão, percorre um caminho que indica: uma peregrinação de louvor a Deus, a esperança diante das situações adversas da vida e o amor ao próximo. Em uma época de descrença, com relação ao cristianismo, é preciso que cada cristão anuncie que a resposta à indagação “o que é ser cristão?” é encontrada em uma vivência autêntica da *metanoia*, o ato cristão fundamental de transformação, conversão, renovação e mudança. O cristão não é alguém mudado externamente, mas nas profundezas de seu ser. A fé cristã, para Ratzinger, é um presente que Deus concedeu ao ser humano para que este o sirva com alegria e para que expresse seu amor ao próximo de acordo com o que aprende do conteúdo de sua fé. A partir do que foi dito neste artigo, percebe-se que Ratzinger chega à seguinte conclusão: ser cristão e ter fé, significa ter amor.

---

<sup>76</sup> RATZINGER, J., Fé, verdade e tolerância, p. 233.

<sup>77</sup> RATZINGER, J., Fé, religião e cultura (1992), p. 99.

<sup>78</sup> RATZINGER, J., Fé, religião e cultura (1992), p. 99.

<sup>79</sup> RATZINGER, J., Fé, religião e cultura (1992), p. 99.

## Referências bibliográficas

AGOSTINHO. **Confissões**. (Lv X. 2,4). São Paulo: Paulus, 2006.

ASSUNÇÃO, R. A. **Bento XVI, A Igreja Católica e o “Espírito da Modernidade”**: uma análise da visão do Papa teólogo sobre o “mundo de hoje”. São Paulo: Paulus; Campinas: Ecclesiae, 2018.

BLANCO, S. P. **Joseph Ratzinger: Razón y cristianismo**. A victoria de la inteligencia en el mundo de las religiones. Madrid: Ediciones Rialp, 2005.

BLANCO, S. P. **La teología de Joseph Ratzinger: una introducción**. Madrid: Pelicano; Palabra, 2011.

BOEVE, L. Christ, humanity and salvation. In: BOEVE, L; MANNION, G. (Orgs.). **The Ratzinger reader: mapping a Theological Journey**. New York: T&C Clark International, 2010. p. 51-79.

CASALE, U. ¿Fe y ciencia, una comunicación de saberes? In: RATZINGER, J. **Fe y ciencia: un diálogo necesario**. Cantabria: Sal Terrae, 2011. p. 9-59.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola / Ave-Maria / Paulinas / Paulus; Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

CORKERY, J. **Joseph Ratzinger’s theological ideas: wise cautions e legitimate hopes**. Mahwah: Paulist Press, 2009.

JOÃO PAULO II, PP. Constituição Apostólica *Fidei Depositum*. In: CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola / Ave-Maria / Paulinas / Paulus; Rio de Janeiro: Vozes, 2006. p. 34-39.

MANZATTO, A. Bento XVI e a teologia: o lugar da teologia na universidade. In: ABREU, E. H.; ZACHARIAS, R. (Orgs.). **Teologia da criação e marcos do magistério de Bento XVI: por uma autêntica maturidade eclesial**. São Paulo: Paulinas; UNISAL, 2011. p. 103-119.

MOINGT, J. **Deus que vem ao homem: do luto à revelação de Deus**. São Paulo: Loyola, 2010. v.1.

MONDIN, B. **A linguagem teológica: como falar de Deus hoje**. São Paulo: Paulinas, 1979.

NOVAES FILHO, M. A. **A razão em exercício: estudos sobre a filosofia de Santo Agostinho**. São Paulo: Discurso Editorial; Paulus, 2009.

RATZINGER, J. Começar do “Nada” (novembro de 1990). In: RATZINGER, J. **Ser cristão na era neopagã**. Campinas: Ecclesiae, 2014. p. 71-79. v.I.

RATZINGER, J. Conferência sob o tema “Fé e existência” à Emissora Radiofônica da Baviera (1969). In: RATZINGER, J. **Fé e futuro**. João do Estoril: Principia, 2008. p. 33-56.

RATZINGER, J. Conferência sob o tema “Fé e saber” à Emissora Radiofônica da Baviera (1969). In: RATZINGER, J. **Fé e futuro**. João do Estoril: Principia, 2008. p. 11-31.

RATZINGER, J. Faith as Conversion – Metanoia (1972). In: **Principles of Catholic Theology: building stones for a fundamental theology**. San Francisco: Ignatius, 1987. p. 55-67.

RATZINGER, J. Introdução ao Catecismo da Igreja Católica. In: RATZINGER, J.; SCHÖNBORN, C. **Breve introdução ao Catecismo da Igreja Católica**. Aparecida: Santuário, 1997. p. 9-39.

RATZINGER, J. **Introduzione al cristianesimo**: lezione sul Simbolo apostolico. Brescia: Queriniana, 2005.

RATZINGER, J. O Catecismo num mundo pós-cristão (abril de 2003). In: RATZINGER, J. **Ser cristão na era neopagã**. Campinas: Ecclesiae, 2016. p. 167-173. v.III.

RATZINGER, J. O que é ser cristão: acima de tudo, o amor (Sermão, Catedral de Münster, Advento de 1965). In: RATZINGER, J. **O que é ser cristão**. Caxias do Sul: Paulinas, 1969. p. 47-63.

RATZINGER, J. **O sal da terra**: o cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

RATZINGER, J. Sobre a teologia da morte (1959). In: RATZINGER, J. **Dogma e anúncio**. São Paulo: Loyola, 2013. p. 239-250.

RATZINGER, J.; MESSORI, V. **A fé em crise**: o Cardeal Ratzinger se interroga. São Paulo: EPU, 1985.

RATZINGER, J. Fé, religião e cultura (1992). In: RATZINGER, J. **Fé, verdade e tolerância**: o cristianismo e as grandes religiões do mundo. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, 2013. p. 55-103.

RATZINGER, J. **Fé, verdade e tolerância**: o cristianismo e as grandes religiões do mundo. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, 2013.

***Heber Ramos Bertuci***

Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica  
do Rio de Janeiro  
Rio de Janeiro / RJ – Brasil  
E-mail: heber-rb@outlook.com

Recebido em: 25/03/22

Aprovado em: 31/08/22